

fonte: D Globo class.: Madeira / Mogno
 data: 24/10/94 pg.: 180

Greenpeace protesta contra corte predatório de árvores

LETÍCIA HELENA
 Enviada especial

ITACOATIARA (AM) — A Greenpeace denunciou anteontem um dos maiores depósitos de madeira da Amazônia, abastecido pelo corte predatório de florestas de várzea. Ativistas da organização estenderam uma faixa sobre as toras com a mensagem "Parem o corte predatório de árvores", suspensa por um balão na forma do planeta Terra.

Sobre as águas do lago usado como depósito, três botes motorizados da Greenpeace escreveram com dezenas de bóias a palavra "SOS". O helicóptero da entidade sobrevoou o depósito — pertencente às madeiras Gethal e Carolina — com uma faixa com os dizeres "Salve a floresta/Save the forest". Os ativistas avaliaram que o depósito abriga mais de cem mil metros cúbicos de toras.

Para a Greenpeace, tamanha quantidade de madeira de várzea é a prova de que o corte da floresta não está obedecendo a planos de manejo, conforme determina a lei. Os ecologistas alertaram que a virola, que já foi a segunda madeira brasileira mais exportada, pode estar extinta em dez anos, mantido o atual ritmo de exploração. Espécie como a sumaúma (a maior árvore da Amazônia), a an-

diroba e a faveira também estão ameaçadas.

— Esse tipo de exploração eliminou, em apenas cinco anos, 90% do volume de virola no Rio Preto, em Marajó — disse José Augusto Pádua, coordenador de florestas da Greenpeace na América Latina.

Apesar das ameaças dos políticos locais, a Greenpeace não se intimidou. A PM chegou a preparar um aparato para coibir o protesto, mas não chegou a tempo. Sem interferir, a Marinha acompanhou a ação com um navio-patrolha fluvial e um helicóptero. A Greenpeace informou que as grandes madeiras compram toras de diversos fornecedores, o que os incentiva a cortar indiscriminadamente a floresta ao longo dos rios, sem qualquer planejamento.

— Esse sistema torna praticamente impossível controlar a origem da madeira — explicou Pádua.

O atual modelo de exploração das florestas inundadas vem provocando danos ambientais, de acordo com a organização. A construção de canais artificiais entre os igarapés, por exemplo, para o transporte de toras, ocasiona uma drenagem excessiva, comprometendo o ecossistema alagado das várzeas.

A repórter Leticia Helena viaja a convite da Greenpeace